

# O MEU ABRIL

————— João António Andrade da Silva

## **Abril, Acto, Sonho, Revolução, Penumbbras, Ameaças e Futuro**

O dia 25 Abril 74 foi um episódio militar glorioso tal como é o parto de uma criança e tanto mais se é um filho. Sinto, vivo e sirvo Abril como meu dilecto filho.

Todavia, como num parto, o meu filhote Abril com muitos pais e mães, em mim teve como seu primeiro dia o 23 Dezembro de 71 (com um antes, sou um soldado, pelos valores que defendo nunca me calei ou camuflei, logo, recuso tácticas de escondidos, assim, em 1971 chefieei no tirocínio de oficiais uma recusa colectiva à realização de provas).

Quando disse em Lumbala Velha, como comandante de companhia, em exercício (por baixa de dois anos do capitão, que veio a ser general... Coisas...) que aquela guerra por falta de viaturas, material logístico e etc, era um disparate militar; e mais este dia inicial se consolidou, quando o sr. General do alto, enorme, das suas estrelas diz ao jovem Alferes de 23 anos que fazemos a guerra com os meios que temos. Aterrador, isto é, na viatura rebenta minas em vez de ter dois feridos, vejo a probabilidade de um aumento de 500% para dez ou doze. Compreendi a mensagem de tragédia, mortes e derrota.

Depois, foi possível observar um somar de erros de guerra. A desmotivação geral de todo o SMO e a incompetência de comando de Capitães e oficiais superiores em cinco companhias pertencentes a dois batalhões, que me levaram a concluir que os subalternos se deveriam revoltar. E lanço o grito, a 13 novembro 72, para o meu camarada Custódio Pereira. A PIDE não vigiava os alferes, safei-me!!

Escrevi e tenho o diário de guerra. UM LIBELO DE UM JOVEM DE 23 ANOS. Oh, tanta gente, calai-vos!

Morreram na minha companhia o Alferes Milheiro, muito falei com ele na EPA e o Cabo Antunes. Gramava-os como irmãos. Ao Antunes dei-lhe uma praxadela que muito o inquietou. Um grande português, uma lágrima e revolta.

Em 73 regresso para a dura e mui apaixonada instrução de atiradores com os pelotões jacarés, com hino e páginas no livro de Arinto vou entrar de coração, alma e galão de Tenente no espantoso e inimaginável movimento dos Capitães da Escola Prática de Artilharia.

### **Eia! Um momento de vitória e de glória**

Foi um ressuscitar militar com Capitães e Tenentes sem medo, determinados, entre eles, o Capitão Domingues e o Capitão Cardoso. Heróicos, destemidos dizem ao Secretário de Estado do Exército – NUNCA ACEITAREMOS ESTAR DE CÓCORAS.

Bravo, Capitão Domingues!

Eu que pensava tão mal dos Capitães e oficiais superiores que encontrei no TO de Angola, e registo no meu diário de guerra de Alferes com 23 anos de idade – senti-me confiante com aquele capitão, de imediato afastado da unidade e nós não reagimos – MUITO MAL, coisas...

Ou faremos a COMUNA DE VENDAS NOVAS: um país em dois, bravo Capitão Cardoso, ou como plano B, sobre Lisboa, o bombardeamento da siderurgia nacional. A bravura daquele tenente H.P. Bravos, heróicos, corajosos. Deslumbrante.

Quando nasce o movimento, o objectivo universal comum a todos, é acabar com a guerra, mudar o regime, sim, mas... Os Tenentes queriam um Capitão para Presidente após a vitória, os outros (os mais antigos) diziam “será general por causa da aceitação internacional”. Assim foi, mas o MFA queria Costa Gomes, surgiu Spínola, golpe do seu exército ou força das circunstâncias, ou as contas da matemática de Costa Gomes? (Existem várias versões: Uma delas fala num golpe de Spínola, a outra no cálculo racional de Costa Gomes). Quem esteve mais perto de Costa Gomes, defende que foi uma decisão sua, por questões sábias. Costa Gomes ficaria com o comando das tropas, o motor, dos dias inteiros que viriam.

O ano de 73 na EPA foi fantástico. Reuníamos-nos num quarto do 2º andar da messe de oficiais e colocávamos colchões contra as paredes, não fossem as palavras sábias e revoltosas serem escutadas pelo diabo. Os mais velhos desconfiavam de um tal Capitão, que depois foi aceite no grupo e veio por ali abaixo no 25 de Abril. Sempre o vi como um duplo, ou um nefasto e incompetente militar. Recebemos a visita do Secretário do Exército e dissemos que

jamais seríamos covardes. Fazíamos a ligação com o Regimento de Cavalaria de Estremoz, com o Capitão Andrade Moura, que nunca o vi como um entusiasta, mas haveria de mudar com o 16 Março de 74. Foi um privilégio e uma honra o que me foi concedido, de acompanhar os camaradas mais antigos nestas andanças.

Neste ano de 73, a 9 Setembro, temos a gloriosa reunião no Monte Sobral, onde cerca de 150 camaradas dizem em voz caudal “O TEMPO DA GUERRA E DESTA DITADURA TERMINOU”. Foi comandante militar naquela reunião o Capitão Vasco Lourenço, e para dizer o meu sim, de um modo claro, assinei em nono lugar o documento. Antes, foi o maravilhoso encontro para a recepção do croqui para a reunião no Templo de Diana, e esta realizar-se no Monte do grande Garcia, familiar do grande Capitão Dinis de Almeida.

Neste deslumbrante 73 tivemos, em Novembro, duas reuniões na casa de Salgueiro Maia, com as unidades fortes: EPC, EPI, EPA, CIAAC e Pára-que-distas. Salgueiro Maia era o comandante e, claramente, havia três objectivos:

Primeiro: acabar a guerra;

Segundo: mudar o regime;

Terceiro: escolher o comandante da sublevação entre os srs. generais Spínola, Costa Gomes, Kaúlza de Arriaga e Troni. Fazia a ligação entre o grupo e os srs. Generais, o sr. Coronel Frade Júnior.

O conceito da manobra era as unidades poderosas tomarem conta disto tudo num abrir e fechar de olhos. Conceito que vão usar muitos dos chamados spinolistas e Otelo, no fracassado 16 de Março de 74. Nestas reuniões, Salgueiro Maia parecia-me impetuoso e o comandante da acção para mudar Portugal e muito mais velho que eu. Enganei-me, pois ele só nasceu cinco anos antes de mim.

Estas reuniões foram duas. Logo que começaram, logo se acabaram.

Para terminar em glória este 1973 no dia 4 de Dezembro, dia da Artilharia e de Santa Bárbara, desempenhei funções de oficial de segurança e, consequentemente, com mais vigor levantei o boné para o fazer parecer como o do grande General Rommel. Neste dia alguns pensaram deter o senhor Ministro do Exército e sua comitiva, que numa atitude vã nos foi prometer melhores vencimentos, para ver se nos calava...Pobreza... Não éramos mercenários, mas militares de Portugal.

**1974**

### **MAS O QUE QUERES PARA PORTUGAL?**

A minha resposta escrita, apaixonada em modo declaração de AMOR E FIDELIDADE. Era madeirense e conhecia o modo diferente dos jovens e das jovens turistas suecas que vestiam fatos de banho muito ousados, quase nus para Portugal. Então, declarei por escrito: um tipo de sociedade democrática como a sueca, adaptada a Portugal. Julgava que eram muito avançados. E quanto à guerra declarava o fim da guerra, a autodeterminação das ditas províncias ultramarinas. Sonhávamos, sonhava que terminada a guerra poderíamos todos juntos construir um novo Quinto Império da lusofonia, recuperando a ideia mãe do Padre António Vieira. E a justiça, o fim das corrupções, das incompetências e da miséria existentes. Miséria, o meu colega Marcelino da 4ª classe de quem fui explicador por escolha do mui punidor professor Virgílio Pereira, morava numa furna, na subida para a Senhora das Neves, sítio de montanha, na Madeira. O Marcelino passou no exame e ofereceu-me um carro de verga (um dos meus grandes presentes) como o ramo de flores da senhora Helena Fortes e colega, quando era director do CPAE, ou como o bolo de anos que me ofertaram com aquelas velas todas também no CPAE nos idos de 2006. Bem-Hajam!

### **Ligações com o Regimento de Estremoz**

Acompanhei a equipa de ligação da EPA ao Regimento de Cavalaria de Estremoz. Até ao 16 de Março de 74, na minha opinião, tudo foi difícil. Havia muito aquela penumbra do oficial QP da Academia Militar e os espúrios, bastante representados naquela unidade. Todavia, após o movimento das Caldas e com a detenção de tão eminentes cavaleiros, como o sr. Tenente-Coronel Almeida Bruno, a posição mudou bastante. Presentes! Vamos em frente!

Saíram com bastante atraso de Estremoz no dia 25 de Abril de 74, mas cumpriram em Lisboa com eficácia e eficiência as missões que lhes foram atribuídas (como nota de espanto, para mim, jovem Tenente de Artilharia foi o facto de à frente da coluna vir o comandante do Regimento num “carocha”, armado de pistola... Coisas...).

## **O 16 Março de 74**

Corria a noite, pelas três horas o Óscar<sup>1</sup> falou com o Alferes Firmino, o oficial de prevenção. Óscar queria transmitir uma mensagem ao Tenente Ferreira de Sousa, ou ao Ferreira da Silva, mas como não se encontravam no Quartel, Óscar deixou a mensagem para a EPA se preparar para sair rumo a Lisboa e que o Óscar às oito horas ia a Vendas Novas entregar-nos a Ordem de Operações.

Estivemos sobre rodas para sair, mas não veio Óscar nenhum; e ainda bem, seria um imprevisto DESASTROSO. O desejo de sair era enorme e a espera já era longa. Não saímos. VITÓRIA PARA ABRIL!

Depois a EPA tomou a dianteira de reunir o Movimento dos Capitães sobrando no Hangar do polígono da EPA (nota extraordinária pois quem ficou responsável pela segurança próxima foi um dos homens mais pacifista do mundo, o Tenente Sales Grade). Foram-se sucedendo as reuniões clandestinas e algumas posições colectivas de solidariedade.

## **O dia 24 de Abril de 74**

Espantoso, único e perfeito dia. Só de dez em dez mil anos acontece uma coisa assim, um mistério do acaso cósmico: o senhor Ministro do Exército, o senhor General Andrade e Silva (a semelhança de nomes safou-me da ira de um professor de estudos ultramarinos na AM) ia visitar a EPA no dia 25 de Abril de 74.

Logo, todo o terreno ficou aberto para a conspiração.

O senhor comandante queria que fossemos os maiores perante o senhor General no dia seguinte e assim fizemos: municíamos as armas, entrada de obuses em posição, exercícios de alarme, pessoal aos postos de combate – éramos os melhores – só que era para a revolução. E, nessa noite, no tasco junto ao polígono onde o meu pelotão de cadetes do curso de oficiais milicianos jantava, e onde eu ia sempre e o dono me recebia de braços abertos, deste feita fui lá de propósito, num salto, só para lhes dizer:

---

(1) Nome de código de Otelos Saraiva de Carvalho, Comandante Operacional do 25 de Abril

– Aqueles a quem chamais Chicos vão surpreender-vos! – Não perceberam nada. No regresso, depois das 23 horas viram a EPA em polvorosa, e então perceberam tudo.

Fez-se então a reunião-cilada, depois do jantar, com o comandante, no seu gabinete, acompanhado do segundo comandante e dos comandantes de bateria, os Capitães Valdemar Patrício e Mira Monteiro, para acertar os pormenores da visita do Secretário do Exército. Muita ambição, muito truque, a reunião tinha de ser longa para durar até às 22:55, a hora da senha do Movimento.

- FALTAM 5 MINUTOS PARA AS 23 HORAS. PAULO DE CARVALHO CANTA “ E DEPOIS DO ADEUS”. HORA CERTA, HORA EMPOLGANTE, HORA DE VIDA OU MORTE, NA EPA, 22:55 HORAS DO DIA 24 DE ABRIL 74.

Momentos da maior tensão: assaltar os gabinetes do comandante e do segundo comandante, supostamente armados.

Na hora certa falta o suposto tenente mais operacional com a especialidade comando. Coisas... e é preciso decidir de imediato quem avança. O único presente era o mais pacifista de todos os militares do mundo, o meu camarada Tenente Sales Grade; e contra todos os protocolos militares avançou.

Nós, os jovens Tenentes Henrique Pedro, Sales Grade e eu avançámos do quarto, onde escutámos a senha, para o gabinete do comandante. Íamos conscientes que poderíamos ser recebidos a tiro e cairia o mais afoito; mas entre nós e o comandante havia uma porta e ...

Sim! Senti forte medo de perder a vida ali mesmo. Racionalmente, segundo o protocolo militar, disciplinar e mesmo operacional, não devíamos entrar, mas a Pátria chamava-nos. Abril e a Liberdade diziam AVANCEM! Entrámos de rompante naquele gabinete. Tudo ficou suspenso, uma cena inimaginável de cinema, como revela o documentário “Hora da Liberdade” exibido pela SIC.

Portugal, a história, os militares, esqueceram este grande momento do 25 de Abril. Porém, para mim, foi o maior momento daquele dia e da minha vida, comparado com o de ser pai em 1985, estando de serviço na EPST, e impossibilitado de assistir ao parto. Mas vencemos. O comandante foi detido e tentou-nos desmobilizar:

– São muito jovens, estão cercados pela GNR, vão-se tramar todos.

– Senhor comandante, acompanhe-nos. Ficam detidos nos quartos 21 e 22, que escolhemos.

Particpei na escolha desses quartos porque não permitiam e a fuga pelas janelas, que estavam a grande altura do chão. Na ida para os quartos, eu era um dos que assegurava a detenção daqueles comandantes, levava a G3 no modo Almeida Bruno<sup>2</sup>. Pareceu-me-me que o Sr. Major Nascimento ia fazer um movimento para me desarmar e logo coloquei a G3 em riste. Ficaram guardados por dois camaradas milicianos: o Sr. Alferes Vargas e o Sr. Aspirante Correia, hoje, meu vizinho. Espantosa, mesmo fenomenal, EPA. E é mesmo assim que penso, assim o proclamo e, se tivesse capacidade de canto, o cantaria.

A seguir, vou a correr falar aos cabos milicianos:

– Juventude, vamos a Lisboa pôr termo a tudo isto: este estado de coisas, a vossa injusta situação com trabalho de sargento, pago como se o posto fosse de praça e o fim da guerra do Ultramar. QUEM QUISE VEM! QUEM NÃO QUISE FICA! Foi um presente totalmente absoluto!

– Então, camaradas, às espingardas! Formatura na parada às 24:00 horas.

Vou num salto ao polígono de tiro, a uma festa na casa de um camarada sargento. Explico-lhes a situação. A festa continuou e nenhum disse presente. Alegaram, quando regresssei aos quartéis depois da vitória, que naquele ambiente de festa não entenderam a minha mensagem metafísica, dita bastante em fonética madeirense... Coisas.

### **Às 24:00 horas**

Formam-se a bateria e a companhia de atiradores de artilharia, que integro. Cumpre-se o programa da tomada da unidade e de ir ao polígono buscar granadas de mão ofensivas. Tinha participado com os meus camaradas Tenentes Ruaz e Henrique Pedro, na elaboração do plano da tomada da unidade, com várias modalidades de acção para o assalto às casas do comandante e do segundo comandante.

Há um incidente com o camarada que foi buscar as granadas e que trouxe defensivas<sup>3</sup>, pelo que tiveram de ser substituídas. O meu camarada disse que não se lembrava, mas aconteceu. Tal como com o capitão D.M., que disse não se lembrar da má escolha que me pareceu estar a fazer: os melhores a ficarem

---

(2) coroa à anca, cano às 13:00 horas, mão no punho e dedo esticado junto do gatilho.

(3) As granadas defensivas fragmentam-se em estilhaços que atingem um raio de 180m. As ofensivas não se estilhaçam, atuando apenas pela detonação e pelo sopro.

com ele na força de reserva que ficou em Vendas Novas para cortar o passo aos amigos do 24 de Abril, que marcharam de Beja. Fizeram meia volta em Montemor-Novu. Aqueles obuses (canhões) de 10,5cm intimidavam mesmo!

Com os soldados todos prontos, alegres, animados, motivados e eis que o grande Cardinal quer ir no meu pelotão, mas pede-me duas coisas: usar a boina “como o meu tenente” e levar o lança granadas. De imediato disse que sim, mas quanto ao lança granadas lá lhe adverti que se tivermos de o usar não pode estar ninguém atrás, porque faz uma língua de fogo. Tudo aceite. E ele vem de pé numa viatura Berliet, como bandeira da força que tínhamos. Outro incidente ocorreu com o sargento V., que diziam que era bufo da PIDE, e que quis vir no meu pelotão. “Jamais! Desapareça”. (Nunca soube se na verdade era informador da PIDE). Pensava-se que ele e um capitão, que vieram conosco para o Cristo-Rei, não seriam de confiança.

Tudo corre sobre rodas, é um furacão. Porém, antes das 03:00 horas, o Sr. Capitão F.S.S. convocou-me e ao tenente Amílcar para irmos deter a GNR de Vendas Novas. Foi uma cena interessante de compêndio trágico-cómico das operações. Fomos os três, tocámos várias vezes à campainha e não apareceu ninguém, pelo que concluímos que abandonaram o posto de serviço ou estão em sono profundo. Logo, sem mais indagações, regressámos ao quartel.

O Sr. Capitão F.S.S. dizia uns tempos antes que, se encontrasse forças da GNR, regressaria ao quartel. Ao que eu retorqui que, da minha parte, só depois de ter mais de 20% de baixas é que retiraria. Então, disse-me que, sob o seu comando, eu já não viria para Lisboa por causa desta afirmação concordante com o protocolo militar. Desta forma, foi sugerido um plano alternativo muito interessante para Vendas Novas, de sapador das armas: corte de linhas de comunicações, etc. Mas ele já não veio para o Cristo-Rei e eu vim. Ficou em Vendas Novas a comandar a unidade, mas não participou na sua tomada, embora no livro de história dos 150 anos da Escola Prática de Artilharia, diga que fez o que a equipa de assalto ao gabinete do comandante realmente realizou.

### **Às 03:00 horas**

Exactamente: uma coluna militar de ventura com infantaria e obuses de artilharia, composta por 250 homens, 6 obuses 8,8cm e uma companhia de atiradores sai, sem hesitação, rumo à grande aventura, depois ventura, do 25 de Abril de 74.



Rompemos pela noite fria, escura e silenciosa. Sós, aqueles 250 portugueses irrompem pela noite fascista, não sabiam de mais nada e, quando soou a “Grândola Vila Morena”, já eram 25 de Abril vitorioso.

Silêncio, frio, medo, interrogações muito graves, se... Então... O que seria daqueles militares, que embora assumissem a total responsabilidade disciplinar e criminal, se perdessem e se tombassem! E também se acontecesse isto ou aquilo? Sim, estava naquele modo a operação “Fim de Regime”.

### **EIA, o 1º comunicado do MFA!**

Povo português, pá! Hoje, agora, o MFA vai mudar o curso da história de Portugal e do Mundo.

Viva! Eh pá! Vamos bem! Até apetecia comemorar, mas uns tiros para o ar podiam acordar as cobras e as víboras... Portanto, Cardinali<sup>4</sup>, nada de circos! (Fazia parte da família circense e infelizmente já partiu).

Noite longa, fria de sobressalto, o que nos esperava?

Vínhamos com todos os cuidados, por itinerários secundários, com uma viatura civil à frente com o Tenente Nave (um grande camarada que já partiu, uma lágrima) e, pelas 07:00 horas, lá vamos chegando ao Cristo-Rei. Uma grande proeza, pois chegámos vivos e sãos e sem incidentes. Porém, para mim, foi muito estranho que ninguém com quem nos cruzámos na subida para o Cristo-Rei nos desse atenção. Tanta tropa e material militar pesado por ali fora e ninguém levantava o olhar do chão, ainda muito pesado de sono. Que coisa! Estranho, mas...

### **Cristo-Rei às 07:00 horas**

Aquele abraço. Lisboa, linda, vai ser nova capital.

Colocados os obuses em posição para bater qualquer navio salazarento e também o alto de Monsanto onde, em 16 de Março, o senhor Professor Marcello Caetano se tinha aboletado. (Marcello Caetano que, até 71, data da minha ida para a guerra, muito considerava por ser um brilhante graduado na Mocidade Portuguesa). Fui o 1º madeirense a ter um “muito apto” no curso de

---

(4) Vitor Hugo Jr. Cardinal, filho do empresário circense Vitor Hugo Cardinali (<https://victorhugocardinali.com/historia/>).

comandantes de bandeira em que fiquei em 5º lugar; e comandante de falange seria, já que me foi prometido no Palácio da Independência pelo comissário nacional Sr. Dr. Leopoldino de Almeida, não fora a luta que travei com um homem terrível, como director da escola regional de graduados do Funchal, após a morte de um grande comissário regional, o Dr. Basto Machado. Nestas lutas também estava aquela alma de Abril bem genética, a minha mãe e o meu pai, “capitães” do antes quebrar que torcer. A fechar a coluna da EPA, seguia a companhia de atiradores, em posição para deter qualquer coluna que viesse do Sul e nada tivesse a ver connosco; e assim aconteceu.

Recebemos ordem do PC na Pontinha para deter a todo o custo a coluna de fuzileiros navais, se eles não acenassem com as boinas fora das janelas da camioneta. Mais um momento de tensão: se viesse o confronto, eles não passavam, mas o combate seria duro. Eu quis, como o nosso companheiro, o então cabo miliciano Vítor Pássaro é testemunha, pôr a salvo os trabalhadores das portagens. O comandante da companhia, Sr. Capitão Mira Monteiro, diz:

– Não! Que ouvissem os comunicados do MFA e fossem para casa.

Mas ouviriam? E aqui nasceu um conflito grave com o capitão, de que é testemunha o nosso companheiro Vitor Pássaro.

– Sim! Farei fogo lá para baixo, mas o 1º tiro, quiçá, fará ricochete! – respondi eu.

Tensão na ponta das armas, nos nossos corações e almas, a coluna dos fuzileiros aproxima-se. O pessoal aponta as armas e o lança granadas-foguete. Atenção: “à minha ordem de fogo, fogachada!” Momentos do caneco; e há quem diga que tudo isto foi um passeio (só mesmo de pessoas más e atrasados mentais).

SENTINELA ALERTA!

ALERTA ESTÁ!

Dizem os sentinelas:

– Os nossos camaradas fuzileiros estão a acenar!

– Que passem, então!

Bom sucesso e, para nós, porreiro pá!

Depois, porque segundo o protocolo militar saíram cedo demais da sede da PIDE na Rua António Maria Cardoso, para onde tinham sido enviados pelo

PC, regressaram ao Cristo-Rei e traziam uma outra intenção: Com base no mapa da responsabilidade territorial vigente, queriam substituir-nos e ficar a ocupar aquela zona. Os meus camaradas Capitão Valdemar Patrício, comandante da Bateria de Artilharia e o Tenente Ferreira de Sousa, dizem-lhes que estamos ali às ordens do PC da Pontinha, de Otelo, e que dali ninguém nos tira. Até porque, se tudo desse para o torto, os obuses iriam dar que fazer a Lisboa. A siderurgia nacional seria um alvo de desforra.

Os fuzileiros acabaram por partir e nós ficámos. Mais uma pequena, grande vitória.

O Cristo-Rei é uma zona careca. Neste local receámos sempre a visita de um helicóptero ou avião hostil. Não aconteceu. Bem pelo contrário, até tivemos a bênção do sacerdote do templo, um jovem padre, que nos disse: “estamos convosco”. Porreiro!

Mais uma pequena grande vitória da EPA e da aliança POVO-MFA.

### **No alvorecer do 25 de Abril, no Cristo-Rei, os factos maiores foram os seguintes:**

A presença em massa da população de Almada, que ali montou uma cozinha de campanha com o apoio do restaurante onde cantou Luísa Bastos, e de muitas outras pessoas que, como testemunhou a então muito jovem Deolinda Nunes, levaram o que tinham em casa para nos alimentarem com comida quente até ao dia 27, em que regressámos a Vendas Novas.

Um outro facto maior, foi que, pelas 09:00 horas, surgiu no rio Tejo, frente ao Terreiro do Paço, a fragata Gago Coutinho, cuja ameaça provocou um momento de grande tensão e vitória da EPA, de Abril e de Portugal. UMA VERDADE HISTÓRICA!

Não seria uma ameaça real pois, antes de o ser, beijaria as Tágides no fundo das águas do rio Tejo. Narrativa do facto: se a fragata Gago Coutinho tivesse disparado, seria afundada em quinze ou vinte minutos pela gloriosa e invicta artilharia da EPA e Abril seria outro: o dos capitães e tenentes da EPA, entre os quais:

- O Capitão Valdemar Patrício;
- Os Tenentes Ferreira de Sousa, Nave, Almas Imperial, Henrique Pedro, Ribeiro Baptista e Amílcar Rodrigues;

- O Alferes Guerra;
- O Furriel Pássaro;
- O Soldado Cardinal.

Ah, eu também estava lá, sem medos...

E mais outros duzentos e quarenta militares.

Sou artilheiro, estive no Cristo-Rei, li o relatório do Sr. Comandante Seixas Louçã, li o relatório do Sr. Imediato Caldeira Santos e também o relatório da operação “Fim de Regime”, do Sr. Capitão Salgueiro Maia, que não dá qualquer relevância à fragata, julgo que mal... Coisas...

No PC da Pontinha também havia total ignorância e falta de imaginação quanto ao obus 8,8cm como arma de combate anticarro. Ai aqueles carros de combate do Sr. Brigadeiro Junqueira dos Reis levavam tanto pelos “rabos”, que nunca mais se metiam com a artilharia!

O Sr. Comandante Louçã diz que deu ordem de fogo com bala de... e que, perante a cara de espanto do tenente artilheiro, reverteu a ordem. O meu camarada Caldeira Santos narra a história deste caso no seu relatório, referindo que tomou o comando do navio.

São factos indesmentíveis: Otelo deu ordem para fazermos fogo; apontámos os canhões, seis obuses, para a fragata; e podíamos mesmo disparar, ponto!

O Sr. Comandante Almada Contreiras diz que avisou a Marinha que o diabo de fogo estava lá no alto do Cristo-Rei.

Não tinham hipótese.

Se tivessem disparado seria para nada, pois Salgueiro Maia iria para trás dos edifícios e a Gago Coutinho ia ouvir as Tágides lá no fundo do rio.

EM CONCLUSÃO:

O último acto naquela contenda (a existir) seria da artilharia, que era a nossa missão. Se houvesse perigo, a manobra de Salgueiro Maia era simples – a força de Santarém iria para trás dos edifícios (deviam ter ido) e logo que a fragata disparasse, ou antes, conforme a ameaça, sofreriam fogo de artilharia directo. Era uma das nossas missões para qualquer navio de guerra português ou da NATO. A fragata deixou de pairar e “foi-se”.

## VITÓRIA NESTA MISSÃO

Outra missão: libertar os camaradas presos na Trafaria por causa do 16 de Março de 74.

Não posso e nunca o farei, deixar de ver estas missões com a grandiosidade dos Descobrimentos. Estávamos a navegar por terras e experiências nunca feitas, nem sequer tínhamos algum conhecimento sobre as mesmas. Estranha missão essa, a de libertar camaradas presos no forte da Trafaria; mas sem hesitar, avançámos e levámos um obus 8,8cm connosco. Será apontado ali mesmo às portas do forte-prisão:

– Ou abrem ou vão todos pelos ares! – mensagem muito clara.

Libertámos os nossos camaradas, entre eles o grande madeirense Capitão Varela. Iam também dois pelotões de infantaria, na circunstância atiradores de artilharia. Nunca na minha vida tinha ido à Trafaria.

Chegando à Trafaria, tudo foi uma manobra. O Sr. Capitão Mira Monteiro ficou junto do obus, já apontado à entrada da prisão, e eu olhei em redor e vi ali um restaurante com dois andares, que logo decidi ocupar.

Entrei de rompante e disse ao que vinha. O proprietário respondeu-me: “sejam bem-vindos!”; e, mais ou menos, todos pareceram concordar. Havia lá um alçapão e o dono do restaurante “Esplanada sobre o Tejo”, cooperando, disse aos fregueses para irem para aquele abrigo. Então, a menina Fátima indicou-me as escadas para o primeiro andar. (Mais tarde, já nos idos de 2000, havia de me dizer que já estava à nossa espera). Ocupámos o andar.

Os nossos camaradas foram de imediato libertados. O obus e a vontade inquebrantável de vencer derrubam qualquer fraco, ou menos identificado com a sua missão, facto que também verifiquei nas cinco companhias por onde passei em Angola em 71/72.

É impensável parar uma juventude em marcha, com total ausência de uma ordem de operações; e, assim, quem não fosse militar ou bombeiro foi detido. Foram o sinaleiro e os GNR, cujo quartel assaltámos, numa manobra do momento, indisciplinada e sem autorização de ninguém. Desloco-me no primeiro jeep, logo atrás da viatura que levava os GNR presos, alguns deles jovens, muito consternados. No jeep ia de pé, recebendo as aclamações do povo, o Sr. Tenente-coronel Almeida Bruno, com garbo, honra e orgulho. Recebia-as, de acordo com o seu estilo. Ali está o quartel da GNR, a coluna pára. Assalto ao

quartel. Todos os agentes da GNR são detidos e transportados numa viatura para o Cristo-Rei. Um excesso – um militar ao lado do condutor com a espingarda apontada. Coisas de gente nova... Desculpa pá! Sou o culpado, dei essa ordem. Um disparate.

### **O que me havia de acontecer no Cristo-Rei – inédito!!!**

Formatura dos agentes da GNR, sob o meu comando. Uma voz:

– Vossa senhoria, meu tenente, dá licença que vá verter águas?

Não percebi, julgava que estava a gozar-me, mas não fiz nenhum disparate grave. Porém, fui disparatado:

– Ó homem quer mijar? Então, vá!

Depois soube que na GNR era assim. Fiquei assombrado, quando entrei num quartel da GNR pela primeira vez, já após o 25 de abril, ao ver os agentes velhotes e gorduchos a varrerem o chão e a perfilarem-se todos à passagem de um graduado. Caro camarada, agente da GNR com uma urgência fisiológica: devo ter-te ofendido por ignorância – Desculpa!

Chegaram ordens para os GNR regressarem ao seu Quartel e em paz. Desculpem alguns excessos.

Espanto! O Sr. Tenente-coronel Almeida Bruno e o Sr. Major Monge pedem uma coluna para os levar de imediato ao PC da Pontinha para decidirem sobre o futuro de Portugal, governança, etc. Para outros e para mim foi um grande espanto, pois eles ainda há pouco tinham saído da prisão da Trafaria... Coisas...

Eles lá foram e nós ficámos ali... Coisas...

E entre coisas e loisas, tínhamos sempre o apoio permanente do povo do Pragal e de Almada, com a sua amizade e as refeições. Éramos 250 e a cozinha de campanha funcionou muito bem. Bem-hajam almadenses. Hoje, oportunistas, merceeiros políticos e outros rastejantes alteram e escondem isto tudo.

O tempo passa... Uma noite dormimos no Regimento da Polícia Militar e de outras já não há memória. Coisas...

## **E aquela operação de cerco ao quartel da Polícia Militar...**

Uma nota breve sobre aquele terrível Portugal social, comunicacional, político e financeiro de então. O Tarrafal devia ser inspirador para muitos, mas para a comunicação social ou outras artes não existia. A EPA era uma poderosa força, mas ninguém nos fotografou, seja um jornalista ou outrem. Não existíamos. Sim! Já éramos mutantes.

E outra vez, uma vez mais, uma extraordinária missão: ir cercar o quartel da Polícia Militar.

Lá estávamos na Calçada da Ajuda para o que desse e viesse. De um lado a poderosa Polícia Militar e do outro os mui temidos carros de combate do Regimento de Cavalaria 7.

E lá está a asneira grave do capitão, que mandou formar a companhia no largo entre as duas unidades: e logo apareceu o meu camarada Tenente Carmo de cavalaria, a dizer-me “se não estivéssemos do vosso lado saía pela porta norte um M47 e vocês cavavam todos”. Respondo-lhe:

– Caro camarada, a asneira de estarmos formados neste largo é do senhor capitão que vem a comandar isto, mas ou sabe pouco ou há outra coisa qualquer.

E faço bluff à Nuno Álvares Pereira:

– Mas não te vás embora sem saberes que somos a guarda avançada de uma poderosa força de obuses que está no início da calçada.

Falso! Os obuses estavam todos no Cristo Rei. O meu camarada regressou à cavalaria 7, e o senhor capitão continuou com as suas asneiras. Agora, a cercar a Polícia Militar com os militares a deslocarem-se no passeio oposto às paredes do quartel. Chamo-lhe a atenção para a grossa asneira, ficavam os militares que eu comandava expostos a ser abatidos como tordos. Tudo foi muito difícil e incompreensível, mas... (tenho uma opinião: incompetência grave ou jogo duplo do senhor capitão...). Todavia, quando se iniciava o disparate deste movimento, surge um oficial miliciano da PM que quer conversar com o senhor capitão; e entram os dois no quartel.

Ficámos cá fora, mas outra perturbação e SOS nos assaltam. Cidadãos vindos da Rua António Maria Cardoso pedem-nos para irmos socorrer as pessoas que lá estavam a ser alvejadas pela PIDE.

Queríamos voar para o local, mas somos tropas, e é preciso a ordem do PC. Orvalhava. O Tenente Almas Imperial bem tentou obter a autorização através do rádio Racal, mas com a atmosfera ionizada ficávamos off. Era assim o Racal. E não fomos. Sinto dor pelo movimento não ser revolucionário e, pessoalmente, por não ter desobedecido ao protocolo, mas... Coisas...

Entretanto, a situação no quartel da Polícia Militar normaliza-se e entramos no dito. Estava tudo bem e muito me surpreendeu a colocação em sentido daqueles militares com um batimento de tacões muito audível, estrondoso e muito diferente do da nossa artilharia da EPA.

Noite serena e calma; e no dia seguinte regresso ao Cristo-Rei. Vitória, mas ensombrada pelas mortes na Rua António Maria Cardoso. Como não fui lá, não vou especular, mas imagino quão vigorosa seria a nossa resposta contra os Pides... Coisas... Especulação... Coisas, mas...

### **O regresso triunfal e o nosso adeus àquele querido povo do Pragal e de Almada**

Como dizia Camilo Castelo Branco, “a psicologia e a verdade dizem que as palavras e os sentimentos não devem ser inibidos pelos convénios nem por juízos alheios”. O regresso a Vendas Novas, para mim e para os militares – povo sob o meu comando, como o camarada e companheiro da ASM Vítor Pássaro, foi apoteótico!

#### **UMA GLORIOSA E VITORIOSA APOTEOSE!**

Chegámos, vimos, lutámos e vencemos o grande Adamastor, velho totalitário nefando. Vencemos todo o temporal. Sim, éramos um grupo de novos co-refundadores da Pátria, da 2ª República.

Vitória!! Alegria! Povo!

O Povo veio para a rua para nos saudar como libertadores, heróis, e estavam todos: até as crianças e os mais idosos; e de entre eles, uma mulher, uma capitã, num dos largos de Almada passou a desempenhar as funções de sinaleira do trânsito.

No meu pelotão, quis mostrar gratidão àquele querido povo e, depois de as inertizar, distribuímos uma munição de G3 a cada pessoa, (o que, no regresso, muito transtornou o capitão responsável pelo material de guerra da EPA: “Ó meu capitão! Não se preocupe, que a responsabilidade é toda nos-



sa!"). Quarenta anos depois, em Grândola, encontrei, numa sessão sobre Abril, um dos presentes nesse momento que me mostrou a munição que guardou daquele dia único para nós, que foi como uma repetição de outros grandes factos históricos para a Pátria: a sua Fundação, Aljubarrota, Descobrimentos, 1640, 1820, a luta dos liberais e o assassinato do general Gomes Freire, o 5 de outubro de 1910 e eia! Agora, este 25 de Abril de 74.

### **Viva portugal! Viva abril e a república de Abril, sempre!**

Até Vendas Novas, por todo o caminho, havia povo e mais povo saudando os libertadores, que o povo com os seus gritos, palmas e oferendas agradeciam e diziam “bem- hajam!”

E o povo alterou as nossas vistas e sonhos estritos do 25 de abril militar. Alguns fomos tocados pela alma e pela gesta. O povo ia começar o vero e vital 25 de Abril: REVOLUÇÃO DO POVO, que vai ser acompanhada no Alentejo e no país por muito poucos oficiais do quadro permanente que, de facto, regressaram aos quartéis, a posição mais cómoda para os próprios e superiormente perigosa e fatal para Abril. Poucos, muito poucos, acompanhados pela generalidade dos milicianos e dos soldados, constituíram a gloriosa, (uns burocratas do sistema dizem que uso e abuso das palavras “heroica” e “gloriosa”; todavia faço-o com a plena consciência da transcendência dos actos que vivi e partilhei com milhares de pessoas), a gloriosa, repito, gesta de militares da aliança POVO-MFA. Sem esta aliança, Abril tinha sido revertido pela Maioria Silenciosa ou pelo 11 de Março de 75. O POVO-MFA venceu essas guerrilhas. Por exemplo, no 11 de Março de 75, toda a Escola Prática de Artilharia com o seu comandante, o Sr. Coronel Sousa Teles, esteve na rua, nas trincheiras de defesa da liberdade.

Glorioso Ralis, glorioso Dinis de Almeida: PRESENTE! Soldado Luís, caído: PRESENTE! uma lágrima. Antes, numa casa, ainda em construção para as bandas do Ralis, ouvimos Vasco Lourenço falar do plano de ataque ao Ralis. Então, segundo Vasco Lourenço o exército seria 80% reaccionário e 20% revolucionário (coisas que tanto mudaram, e vertiginosamente).

Num dia sombrio, por erros nossos, muitos e má fortuna, veio o 25 de Novembro que, a propósito de um comportamento militar dos pára-quedistas contra a decisão inexplicável do Chefe de Estado Maior da Força Aérea de os extinguir, tomaram de assalto algumas bases militares, como reacção,

por ordens ou com o conhecimento de Otelo, ou por incitamento de outrem, situação que os nossos camaradas Vasco Lourenço e Matos Serra bem podiam esclarecer.

EIA! EANES. VASCO LOURENÇO.

E é o próprio Sr. General Costa Gomes que chama a Belém o Sr. Capitão Costa Martins, o suposto comandante dos revoltosos que, contudo, não sabia de nada.

Pensam que é o golpe comunista que está em marcha, o que leva à resposta militar, ordenada por Eanes, de ataque à Polícia Militar, quartel este que, no momento do ataque, já está sob o comando do Sr. General Costa Gomes, logo...

Mas, antes de Novembro, tantas coisas imortais e belas aconteceram, agora tão vandalizadas por gentes dos escombros como esse António Barreto. Destas missões refiro a participação nas lutas do povo alentejano com os seguintes objectivos:

Esclarecer e informar as populações, através das sessões de esclarecimento sobre os objectivos do 25 de Abril: DEMOCRACIA, DESENVOLVIMENTO e DESCOLONIZAÇÃO. (Acompanhava-nos o tio Jaime, com 82 anos, homem de muita piada, um poeta popular, que me dizia: “Ainda bem, meu tenente, que vivi este tempo todo para ganhar a minha maior felicidade da vida – Abril”. O tio Jaime não era pai). A nossa participação activa, apoiando as comissões de moradores e o melhoramento de vilas e aldeias, onde faltava tudo, ou seja: luz, água canalizada, estrutura sanitária, saneamento básico, etc, desenvolveu-se no sentido de dirimir as tensões sociais, autonomizando a população e, no processo agrícola, na defesa da terra cultivada e dos postos de trabalho, para evitar a fome, a violência e o regresso ao 24 de abril.

## **ACÇÕES DE DEFESA DA VIDA E DA PAZ SOCIAL**

### **7 de Março de 75: início da revolta civil em Setúbal; o MFA evitou guerras**

Houve um grave incidente entre a PSP de Setúbal e a população que se manifestou contra a realização de um comício do PPD. Como resultado, morreu um jovem e o nosso camarada Tenente Almas Imperial ainda se viu, como cidadão, envolvido nesses acontecimentos.

Em termos militares, caberia ao Regimento de Infantaria de Setúbal resolver o problema. Todavia, este declarou-se incapaz. Avançaram, então, dois pelotões da EPA: um comandado pelo meu camarada Sales Grade e outro por mim. Eu era o delegado do MFA e não tinha comando de tropas na EPA. Nunca fui voluntário para estas missões, mas sempre aceitei estas nomeações, por escolha, para as acções de ordem pública, com muita honra e coragem, de modo a evitar derramamento de sangue.

Esta missão em Setúbal foi muito complexa e difícil. De um lado a população a cercar a esquadra e, do outro, dezenas de agentes da PSP armados, temendo ser atacados. Quando chegámos, havia um pelotão comandado pelo Alferes comando Eduardo Fernandes, que foi integrado na nossa força.

A dado momento, o Alferes Pauleta veio dizer-me que estavam a montar uma metralhadora HK no primeiro andar da esquadra. Desloco-me ao local e vejo uns agentes muito nervosos a temerem o assalto. E o segundo comandante da PSP de Lisboa, o Major C.F. tinha-lhes dito para fazerem fogo se as pessoas avançassem. Haveria um número indeterminado de mortos, o que daria total força ao 11 de Março de 75, de tal forma que, se não estavam interligados, passariam a estar.

Imediatamente ordenei que retirassem aquela metralhadora e avisei que, se disparassem um tiro não ficaria pedra sobre pedra na esquadra. Garantíamos a segurança deles até ao último cartucho e à última gota de sangue. Não tiveram qualquer dúvida e, assim, cumpriram as indicações para se manterem calmos e não aumentarem a tensão do momento.

O cerco manteve-se com palavras de ordem pela noite dentro; porém, durante a noite, houve alguma desmobilização e eu pedi ao COPCON para fazer a evacuação da esquadra durante a noite. Mas não o fizeram. Foi feita no dia seguinte, com um aparato militar descomunal, com chaimites comandadas por um senhor brigadeiro. Um espetáculo que acabou de um modo grave para os polícias. Foram humilhados, insultados e agredidos pela população ao entrar nas chaimites, perante a nossa impotência para intervir.

Feita a evacuação, abraço alguns populares pela cooperação prestada e regresso ao quartel.

Nesta acção, também participou o Alferes Cravo, que se safou de boa por ter colocado o capacete conforme lhe ordenei, uma vez que foi atingido por uma pedrada.

Este episódio depois foi objecto de uma investigação militar surrealista e é cantado por Zeca Afonso na canção “Foi no cidade do Sado”.

MISSÃO CUMPRIDA. VITÓRIA. ABRIL VENCEU.

### **11 Março 75**

Tentativa de derrube do 25 de Abril de 74, com um ataque aéreo ao Ralis. Resultado: um morto, o soldado Luís. PRESENTE!

Na EPA, nesse dia, viemos todos para a rua; e já lá estavam as barricadas do povo. Nós substituímo-los. Não se registou qualquer incidente a não ser o de um cidadão com urgência para chegar a um hospital, situação que não tinha sido prevista, nem havia meios para resolver a questão, como uma ambulância ou uma viatura. Estava no cruzamento de Pegões e disse-lhe que ia escrever um género de salvo-conduto. Coisa que fiz, mas não sei se resultou.

Entretanto, estava a decorrer a boda de um casamento, e eu fui chamado pelos noivos para tirar uma foto com eles; e fiz uma foto histórica ladeado por ambos. Todavia, mais tarde, ao apresentar a foto no facebook, um meu camarada em vez de referir o facto histórico maior, lá notou e apontou que eu tinha as calças da farda do nº3 sem os elásticos na zona das botas. Grande problema este... My God, oh Abril! Ainda não desapareceram os que pensam miudinho.

Os golpistas perderam. Vitória do MFA e do povo!

Apesar de ser delegado do MFA, não participei na reunião da AMFA de Março de 75 que foi convocada irregularmente e por consequência do 11 de Março.

### **Escoural. 12 de março de 75. Impulso para o início da revolução agrária no Alentejo**

O povo chama o MFA ao Escoural (éramos chamados como bombeiros sociais) e eu sou o enviado. O povo reunido queria ocupar todas as terras do Escoural a Montemor-o-Novo – Impossível!

Disse determinadamente que tal acção não era um objectivo defendido pelo MFA. Decorriam, então, os processos de negociação entre trabalhadores, comissões de trabalhadores, centros da reforma agrária e MFA, para colocar os trabalhadores nas herdades. Processo que falhou por sabotagem de todos ou de uns mais do que outros. Não tínhamos nenhuma capacidade para su-

pervisionar, ou verificar quem sabotava, nem tínhamos essa missão que seria competência dos centros da reforma agrária; mas nós é que tínhamos de fazer de tudo... Coisas da revolução...

Celebrámos a vitória do 11 de Março e resolvemos alguns problemas locais, como a devolução do cinema à população, então transformado em armazém, o que seria posteriormente objecto de uma acusação feroz e mentirosa/falsa do Sr. Ajudante General do Exército contra mim e tudo o mais que, aqui e agora, não interessa esmiuçar. Como dizia o Sr. Coronel Bandeira de Lima, oficial averiguante em mil processos após o 25 de Novembro: “se você fizesse parte dos vencedores seria um herói, assim, tem de ser julgado” E assim foi durante 6 anos. Todavia, no terreno: Vitória.

### **13 Março de 75 – revolta popular em Montemor-o-Novo**

Pelas 24 horas recebo ordem do oficial de dia à EPA, o Capitão Duarte Mendes, para comandar um pelotão de militares e controlar a sublevação do povo de Montemor contra os latifundiários: o Sr. Vacas Nunes, o Dr. Avelino Cunhal e outro.

Queriam o julgamento popular do Sr. Vacas Nunes porque era da Maioria Silenciosa e acusavam-no da morte de um trabalhador, nos anos cinquenta.

Quanto ao julgamento popular disse – absolutamente NÃO! E acrescentei que, nos anos cinquenta, eu tinha apenas dois anos e não é ao fim de tantos anos que se pode fazer justiça. Quanto aos mais factos e acusações, eu tinha ordens para levar o Sr. Vacas Nunes para o quartel de Vendas Novas. O senhor resistiu a entregar-se e eu, com receio que alguém ultrapassasse o cordão de segurança, assaltei militarmente a casa do senhor pelas 03:00 horas da manhã.

Ao entrar, vi que no cimo da escada estava o referido senhor com as netas à frente. Disse-lhe para as retirar e que só estava ali para garantir a sua segurança. Depois, o senhor veio ter comigo sem problemas, acompanhado com outra pessoa. O Dr. Avelino Cunhal não estava presente. Após o 25 de Novembro de 75, fui acusado de ter invadido a casa do senhor às 03:00 horas, e que só o podia fazer se tivesse sido declarado o estado de sítio. Que idiotice! Nem eu sabia o que isso era. Grandes perseguidores, imbecis!

Em 13 de Março de 75, em Montemor-o-Novo, no terreno, fizemos história. Não houve nenhum julgamento popular. Vitória! Missão cumprida e com honra.

E porque é que, uma vez mais, fui o nomeado para mais uma operação, quando não tinha comando de tropas e era somente o delegado do MFA eleito? Porquê então, uma vez mais fui o nomeado? Nesta acção, entre outros, participou o Furriel Vítor Pássaro.

### **e aquela feira de gado em montemor-o-novo**

Por problemas de honra ao nível das relações sexuais entre membros de grupos diferentes da etnia cigana, uns de Coruche e outros de Évora, os homens escolheram, como campo de batalha para o ajuste de contas, a feira do gado de Montemor-o-Novo. A GNR ficou dentro do seu posto e lá vai, uma vez mais, o Tenente Andrade da Silva, com um grupo de militares, resolver a questão.

Parece que não estavam armados de caçadeiras, mas sim com armas artesanais pré-históricas, de pedras enroladas em meias. A solução para o tumulto foi deter todos os populares de raça cigana e colocá-los na prisão de Montemor-o-Novo. Missão executada com perícia e relativamente fácil, também porque não houve resistência. Tarefa difícil foi a libertação. Quem saísse primeiro ficaria à espera do outro grupo para continuar o ajuste de contas. Nem nós nem a GNR tínhamos soluções... Coisas.... Sabem lá!!

A solução surgiu com o chamamento de um dos reis dos ciganos, que lá os convenceu que era melhor irem para os acampamentos do que ficarem ali. Lá, nos acampamentos, poderiam dançar o tango, e ali estavam de tanga. Aceitaram a ideia e tudo se resolveu.

Porreiro, pá! Isto é que era; e é, para mim, – ABRIL. Ficar no quartel no esquerdo-direito era ficar no círculo concêntrico de sempre; mas sair do círculo não era, mesmo, para todos. Uma vez mais vitória, o que para os escribas não conta, mas foi um grande feito, ninguém se aleijou e a feira seguiu o seu curso. Vitória!

### **Herdade da Palma/ Casebres / Grândola**

A herdade da Palma estava bem cultivada e, portanto, fora dos radares do MFA para ser ocupada. Estava a dar pão e trabalho, logo, estava a cumprir a sua missão natural e social. Era, portanto, uma herdade que defendíamos. Propriedade privada bem administrada, nada tem contra. É tudo a favor por parte do MFA.

Porém, o povo queria ocupar a herdade. O Sr. Major Chumbinho do Regimento de Infantaria de Setúbal, chama-os de reaccionários, e ali mesmo, na casa do povo de Casebres, foi detido. Ai! Agora, onde isto chegou! E lá pensam que há um que os pode ajudar – o Tenente Andrade da Silva – e deslocam-se a Vendas Novas, à EPA, a solicitar a nossa intervenção.

Mas Casebres é da zona de acção militar do Regimento de Infantaria de Setúbal e eu só posso intervir depois do senhor comandante da EPA pedir autorização ao COPCON. Mas não há tempo. Dizem-me que não se responsabilizam pelo que possa acontecer. Sim! Está em causa um camarada meu. Corro todo o risco por ele e lá vou eu. Chegando lá, vejo o camarada no estado em que, provavelmente, estaria, sendo detido pela população, sem saber qual o motivo.

Digo:

– Concidadãos, povo de Abril! O que o nosso major quis dizer é que, neste momento, o MFA não apoia quem prejudique a produção nacional, isto é, nesta fase do processo, só as terras incultas serão ocupadas. Outro qualquer comportamento é considerado contra o MFA e a revolução. Herdades como a da Palma, por serem exemplares, só serão expropriadas se for de acordo com a lei da reforma agrária, quando promulgada.

Missão cumprida. Tudo bem. Povo contente, missão cumprida sem incidentes. Vitória!

### **Todos os dias das zero até às vinte e quatro horas, contacto com o povo em mil missões**

Foram realizadas sessões de esclarecimento por toda a parte. Fez-se o acompanhamento das comissões de melhoramentos nas aldeias quanto a saneamento básico, água, electricidade, creches e centros de dia para idosos como no Couço, por exemplo. Também a participação nas comissões paritárias (trabalhadores, sindicatos, latifundiários), nos centros da reforma agrária, foram sempre acompanhadas pelo MFA, para a distribuição de trabalhadores pelas herdades e funcionou sempre até Março de 75. Depois foi o seu colapso.

Depois do 11 de Março de 75 e perante um grande abandono das terras pelos latifundiários, recebemos a missão de acompanhar a ocupação das herdades não cultivadas, para evitar a fome e as revoltas civis, com muito grave probabilidade de regresso ao 24 de Abril ou a uma convulsão social com

proporções que nenhuma força policial conteria pela persuasão, a não ser o MFA; e, neste caso, de um modo particular, pela acção da Escola Prática de Artilharia.

Mas nunca sugerimos a ninguém que ocupasse qualquer herdade. Seria impossível, até porque a sua materialidade era-nos completamente desconhecida. Não conhecíamos a localização de nenhuma herdade nem quem era o seu dono. Fizemos simplesmente a muito exultante missão de evitar guerras, combates violentos entre trabalhadores e latifundiários.

Acompanhámos o diferendo entre o Sr. Veiga Teixeira, de Coruche, (lamento a morte do seu filho numa manifestação em Santarém. Porquê, se vivia em Coruche?) e o Sr. Infante da Câmara. Diferendos também entre trabalhadores, latifundiários e seareiros, sendo estes muitíssimo odiados. Ódios muito acumulados por causa de maus-tratos, de fome provocada pelo desemprego forçado e também pela contratação dos chamados ratinhos, ranchos de trabalhadores do centro e norte do país, que trabalhavam quase a custo zero. As violações de mulheres e filhas e a obrigação de uma obediência medieval – voltar-se para o senhor e fazer uma vénia – tudo isto era um somatório explosivo para uma vontade de actuação no sentido do julgamento popular, reforçada com aquela máxima – quem os seus inimigos poupa à mão deles morrerá. A paredes meias com toda esta trabalhadeira, vivíamos as alegrias destas pessoas a crescerem para a cidadania e a erguerem cooperativas. Até ergueram uma com o meu nome!...

### **Alegrias, dignidade, trabalho por um melhor futuro**

Nesta muito nobre actividade de construção do futuro, estiveram presentes naquela área do Alentejo: o Major comando Gil, os Capitães Castro Pires, Amílcar Rodrigues, Sales Grade, eu, o Sargento QP Guerra e os milicianos Alferes Guerra, Cravo, Sousa e Cabos milicianos/ Furriéis Victor Pássaro, Nogueira e Sequeira.

### **Área do trabalho e área militar – o quartel**

Foram muito significativas as intervenções nas Minas do Lousal. Foram negociações muito difíceis mas, por fim, a administração já dava o dobro do que era pedido pelos sindicatos, que viram a possível manobra de sabotagem nesta atitude e disseram “Não!!”. Então, o mau da fita passou a ser o sindic-



lista Patrício. Os mineiros eram muitos e gente muito experimentada e difícil; mas lá tive de explicar a razão do sindicato e fui ouvido. Sabem lá, ó senhores, o que isto seja!! Vitória... Abril...Abril, sim, fora do quartel.

Estivemos na ECA a fábrica de concentrados de tomate de Santiago do Cacém. (Sobre as minas e a ECA escrevi uma peça teatral com dois actos, em 1976). Estivemos em Pias por causa dos lagares de azeite (e trabalhava lá a menina Miranda). Estivemos numa empresa de turismo na Barquinha. Porém, os trabalhadores de Alcácer do Sal tinham um ponto de vista e os de Lisboa tinham outro. Fizemos de força de intervenção da ONU para os separar... Coisas do arco da velha.... Vocês sabem lá! Aqui nada pudemos fazer. Fomos para uma estrema aguardar que os trabalhadores convergissem na sua decisão quanto à proposta da administração; e lá decidiram sem violência. (Há uns anos fui lá pernoitar com um grupo da CEDA. Porreiro pá!).

### **No quartel**

O meu camarada Amílcar Rodrigues e eu tivemos de ir para o Regimento de Beja como garantes de Abril, porque a unidade marchou comandada por um senhor Major contra Abril. Estes dois tenentes eram a garantia que a coordenadora do MFA e o senhor General CEME consideraram estes dois (quicá ?) como os melhores da região militar de Évora, para a missão de defenderem Abril. É a regra. Não seria a antiguidade. Tínhamos antiguidades diferentes e nem éramos do mesmo curso.

Foi uma experiência interessante: havia muitos indivíduos vindos das prisões e um deles, a quem chamávamos de Moscavide, (e a quem eu muitas vezes chamei), estava sempre maldisposto e acabou por me dizer que não me gramava, porque lhe recordava os guardas prisionais. Por eu estar sempre a dizer “Moscavide isto”, “Moscavide aquilo”, (era um dos poucos nomes que eu sabia), veio dizer-me que tinha sido preso por estar a colocar cartazes do MDP/CDE, e tornou-se meu amigo. No jantar de despedida da recruta, lá me veio dizer que, em toda a Lisboa nocturna, bastava dizer que era amigo do Dédé, que tinha acesso a todas as boîtes. Não percebi nada, ou melhor, percebi tudo... é um rei da noite. Só mais tarde, estando eu preso na Trafaria (1977) e tendo ele fugido da prisão de Pinheiro da Cruz com muito engenho, é que soube que o Dédé era um temido marginal da noite lisboeta. Fisicamente era fraca figura, sempre dispensado por isto e por aquilo, mas muito esperto, via com os alferes, com o meu desconhecimento, filmes de 8mm, pornográficos... Coisas...

## **As mui grandiosas manifestações do povo de apoio ao MFA**

Pessoas de todas as idades vinham de todos os lugares de Vendas Novas, apoiar o MFA e, de entre os militares do MFA, eu e outros militares, geralmente milicianos, recebíamos as honras e os ramos de flores. Em Junho de 1975, houve uma grande manifestação de apoio ao MFA em que o comandante da EPA, Sr. Coronel Sousa Teles, o segundo comandante Sr. Major Segurado e eu, em cima de um atrelado, saudámos os populares. Veio chuva da grossa, mas ninguém arredou pé. João Serra, no seu livro *Uma família do Alentejo*, (uma grande história do Lavre e Canha de 1910 a 1974), escreve, na página 250: “para ouvir o nosso tenente revolucionário, ficamos ali, sem arredar pé.”

Será assim por toda a parte: Couço, Escoural, Mora, Cabeção, Lavre e Évora até Junho de 75. Em Mora, em Julho de 75, todos os partidos, PS, PCP e UDP com os seus representantes de Évora, estiveram presentes proclamando: “todos estamos com o MFA!”, (por mim representado nessa cerimónia).

Logo de seguida, começa uma tenebrosa conspiração: vou uma semana depois a Lavre e já não sou o MFA livre e independente. O Sr. Brigadeiro Pezarat Correia, contra este real Abril, por zumbido do diabo, mete-me na lista dos comunistas como apoiante desvairado da usurpação das terras. Falso! Puro ódio à verdade e ao povo trabalhador. Houve erros. Não podíamos supervisionar tudo. Pedi a esses DDT que colocassem no Grupo de Dinamização Regional (GDR, uma estrutura política e militar, nada convencional) juristas, engenheiros agrónomos e contabilistas, para apoiar todas as cooperativas; e também pedi mais viaturas e mesmo um helicóptero porque recebíamos pedidos SOS de Portalegre e do Algarve. Nada nos foi atribuído.

## **E estes são os dias inteiros de abril que acabam em Novembro**

Para mim, o MEU ABRIL, este em que testemunho, acabou em 25 Novembro de 75. Seria conspurcar a história de Abril, falar deste desvirtuoso facto de Novembro para trinta e dois camaradas do exército. Um puro regresso ao fascismo, no meu caso, entre o 25 Novembro de 75 e 1982, em que fui punido com dois anos de prisão, mais oito dias de detenção. Até 1982 estive a ser julgado no Conselho Superior de Disciplina do Exército, pela simples circunstância dos actos nobres, valentes e patrióticos, que pratiquei com os camaradas já referidos e vários soldados, terem sido considerados por esses outros seres, em tempos escuros, como actos de banditismo, ponto.

Tempos negros contra os que nunca serviram nenhum partido, nem banco, e foram somente militares de Abril.

### **Os entretantos imorais porque passei, por infra-humanidade dos pseudo vitoriosos do 25 de novembro de 75**

Foi a deportação para a Madeira em 76, onde fui vítima de tentativa de assassinato pelo *gang* “diabos à solta”, em 18 de Abril de 76.

Porque me defendi a tiro do *gang*, com uma pistola que me deu o Dinis de Almeida, fui condenado a dois anos de prisão na Trafaria, aos 27 anos. Na fundamentação, estava presente o guarda Viveiros e a ele competia defender-me. Era o seu dever; mas nada fez por medo do *gang*, (antes tinham desarmado um polícia, como referiu com muita dignidade no tribunal), mas eu era o Capitão Andrade da Silva, a alma negra do parto da revolução agrária. De imediato, os cavaleiros de Coruche pediram ao tribunal a minha condenação, em documento escrito, entregue e aceite pelo juiz Gonçalves Pereira, que executou a ordem em dois anos de prisão, a alguém que, em legítima defesa, defendeu a sua vida pois, caso contrário, já cá não estaria; e eu gosto da terra e do universo.

De 1982 a 2007 prossigo a carreira militar com muita luta e o empenho de sempre, como aprendi – antes tombar que curvar-se! E sempre!

### **Presente e futuros**

Lutei, luto e lutarei como um soldado, não aceito outras táticas que não se coadunem com a nobre natureza do soldado e, mormente, com a minha. Não quero, nunca quis simplesmente sobreviver, mas sim, viver. No meu dicionário da vida não existem algumas palavras entre as quais: medo e impossível.

Só conheço e reconheço o nobre, o heróico espírito do soldado desconhecido, de Salgueiro Maia, de Carlos Fabião e de outros valorosos servidores da Nação.

Da minha parte lutarei em todos os campos da vida por: Liberdade, Desenvolvimento, Dignidade.

Por uma democracia de governos de concidadãos: Honestos, Competentes, que defendam, além dos pilares fundamentais de Abril, a independência nacional e a paz.

E, objectivamente, de um modo estrutural a 10 anos: a habitação, a saúde, a educação a qualidade do emprego e da formação profissional, a demografia e a natureza, a justiça social, fiscal e judicial, a qualidade de vida, em sentido global, de quem trabalha e dos idosos, garantindo a dignidade do nascimento até á morte, como o referi com outros companheiros e camaradas em dois documentos, a saber:

– O da defesa da dignidade do nascimento até à morte (em 2009 e em 15 de Agosto de 2020).

– O do manifesto 2020 a 5 de Outubro de 2020, subscrito entre outros, pelos companheiros Serafim Pinheiro, João Baptista e Raquel Filipa.